

M8 – Quando a morte socorre a vida



Juan Paiva, Bruno Peixoto Fabio Beltrão. Foto: Vantoen Pereira Jr./ Divulgação

O filme *M8 – Quando a morte socorre a vida* é o quarto longa-metragem do cineasta Jeferson De. Ganhou o Troféu APCA (Associação Paulista de críticos de arte) em 2021. O filme é inspirado no livro homônimo de Salomão Polack (Editora Crescer, 88 páginas, 1996)

Disponível: nos catálogos da Netflix e da Net Now

Ficha Técnica:

Direção: Jefferson De

Roteiro: Jefferson De e Felipe Sholl

Colaboração com o roteiro: Carolina Castro, Iafa Britz, Paulo Lins

Elenco: Juan Paiva (Maurício), Mariana Nunes (Cida), Rapahel Logam (M8), Giulia Gayoso (Suzana), Bruno Peixoto (Domingos), Ailton Graça (Sá, funcionário), Pietro Mário (Salomão), Aramis Trindade (Funcionário do Necrotério), Zezé Mota (Ilza, da secretaria), Dona Ângela (Léa Garcia), Henri Pagnoncelli (Prof. Djalma), Fábio Beltrão (Gustavo), Mallu Valle (Carlota), Lázaro Ramos (motorista), Marília Coelho e Ana Suely Malta (mães), João Acaiabe (Francisco) e outros;

País / ano de produção: Brasil / 2019

Tempo duração: 88 minutos

Gênero: Ficção/Drama

Classificação Indicativa: 14 anos

Sinopse:

“Em *M8 - Quando a Morte Socorre a Vida*, Maurício (Juan Paiva) acabou de ingressar numa renomada Universidade de Medicina. Na sua primeira aula de anatomia ele conhece M8, o cadáver que servirá de estudo para ele e os amigos. Durante o semestre, o mistério da identidade do corpo só poderá ser solucionado depois que ele enfrentar suas próprias angústias.”

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-266428/>



Mariana Nunes e Juan Paiva no filme de Jeferson De; Foto: Vantoen Pereira Jr./Divulgação

Sobre o diretor

Jeferson De nasceu em Taubaté, SP, em 1968. Estudou cinema na USP, onde foi bolsista da FAPESP com a pesquisa: “Diretores Cinematográficos Negros”. Em 2000, publicou o manifesto “Dogma Feijoada”. Roteirista e diretor dos premiados curtas *Distraída para a morte* (2001), *Carolina* (2003) e *Narciso Rap* (2005). Foi editor e finalizador em projetos na MTV e SBT, entre eles: as séries *Vinte poucos anos*, *Tudo de Bom* e *Popstars*. Em 2003, produziu em São Paulo os programas *Brasil total* e *Central da periferia*, exibidos na TV Globo. Em 2005 lançou o livro “*Dogma Feijoada e o Cinema Negro Brasileiro*”, dentro da coleção Aplauso. Na TV criou e dirigiu, junto à gravadora



Trama, o programa *Tramavirtual*, exibido no canal a cabo Multishow. Em 2007, dirigiu o curta metragem *Jonas só mais um* para o Projeto da X Brasil para o Marco Universal. Em 2009 funda a produtora Buda Filmes em parceria com a diretora e produtora Cristiane Arenas. Em 2010 seu longa-metragem de estreia *Bróder* foi selecionado no 60º Festival de Berlim e lançado no Brasil em abril de 2011, tendo recebido o prêmio de melhor filme pela APCA (Associação

Paulista de críticos de arte) e 11 indicações no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. O roteiro do filme foi selecionado no VI Laboratório de Roteiros do Instituto Sundance. Em 2013 dirigiu 26 episódios da série ***Pedro e Bianca*** para a produtora Coração da Selva, exibido na TV Cultura e ganhadora do Emmy no 2º Emmy Kids Awards e também o Prix Jeunesse Iberoamericano na categoria ficção para 12 anos. Foi diretor da sexta temporada do ***Conexões urbanas***, exibido no Multishow. Em 2014, dirigiu a série ***Condomínio Jaqueline*** (Fox/TV Cultura) para a produtora Coração da Selva, e apresentou o programa ***Mais Direitos, Mais Humanos*** (TV Brasil). Em 2015 estreou o seu segundo longa metragem ***O Amuleto*** (Paris Filmes/Downtown). Em 2016 dirigiu o longa metragem ***Correndo atrás*** baseado no livro de Hélio de la Peña (Europa Filmes/Globo Filmes) com première em 2018 no Pan African Film Festival em Los Angeles e NYFF (New York African Film Festival, no Lincoln Center, NY). Em 2017/18 fez a direção geral das primeiras três temporadas da série infantil ***Escola de gênios*** (GLOOB/MIXER). Em 2018 dirigiu a série ***Malês*** e o longa ***M8 – Quando a morte socorre a vida***. Para saber mais sobre o diretor Jeferson De, veja entrevista indicada abaixo.

Filmografia

Prisioneiro da Liberdade (ainda em andamento)

Escola de Gênios (Série TV, 2018-2020)

Revolta dos Malês (TV Série – co-diretor, 2020)

M-8 – Quando a morte socorre a vida (longa, 2019)

Bom Sucesso (Série TV, 2019)

Segundo Take (Série TV documentário, 2019)

Correndo atrás (longa, 2018)

Condomínio Jaqueline (minissérie TV, 2016)

O Amuleto (longa, 2015)

Pedro e Bianca (Série TV, 2013)

Bróder (longa, 2010)

Narciso Rap (curta, 2004)

Carolina (curta, 2003)

Distraída para a morte (curta, 2001)

Gênesis 22 (curta, 1999)

Você conhece o Dogma Feijoada?

Dogma Feijoada é um manifesto escrito no ano 2000 pelo cineasta Jeferson De em parceria com Noel Carvalho e outros importantes cineastas, no qual reivindicam novas formas de debater a questão racial e de representar a negritude no cinema.

São pontos importantes:

- 1) O filme tem que ser dirigido por um realizador negro.
- 2) O protagonista deve ser negro.
- 3) A temática do filme tem de estar relacionada com a cultura negra brasileira.
- 4) O filme tem que apresentar um cronograma exequível.
- 5) Personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos.
- 6) O roteiro deverá privilegiar o negro comum brasileiro.
- 7) Super-heróis ou bandidos deverão ser evitados.

O termo “dogma” foi escolhido como uma brincadeira, baseada no “Manifesto Dogma 95”, movimento do cinema dinamarquês, que propunha um cinema mais realista e menos comercial. A intenção com essa brincadeira foi de provocar uma reflexão e não propor uma doutrina. Entretanto, a agenda de reivindicações é muito séria e expõe a necessidade premente da presença de novos atores sociais no cinema nacional.

Vale ressaltar que o manifesto está integrado à história do movimento negro no Brasil, que luta pela igualdade racial e contra o racismo. O manifesto foi assinado no ano 2000, no período de retomada do cinema brasileiro, na conquista e avanços das políticas públicas para o setor e ao intenso debate sobre o tema. Ao final deste material, você terá referências de vídeos sobre o Dogma Feijoada.

Sobre racismo estrutural e cotas raciais nas universidades

O filme de Jeferson De apresenta de maneira contundente as problemáticas sociais advindas do ingresso de um estudante negro e periférico no curso de Medicina de uma universidade pública do Rio de Janeiro, curso considerado elitista e majoritariamente branco. Maurício (Juan Paiva) ingressa nesta universidade por meio da política de reparação das cotas raciais, implementada a partir da Lei Nº. 12.711 de 2012.



Juan Paiva e Zezé Mota em cena na universidade. Foto: Vantoen Pereira Jr./Divulgação

Esta lei estabelece que as universidades públicas reservem 50% de suas vagas para estudantes oriundos do Ensino Básico público e que reservem parte destas vagas para estudantes “autodeclarados pretos, pardos e indígenas”. Cabe lembrar que esta política de cotas raciais foi uma conquista do movimento negro que desde a década de 1980 vinha cobrando políticas mais efetivas de reparação e de inclusão social da população negra nas universidades.

Assim, o filme possibilita trazer o debate das cotas raciais enquanto política de reparação, mas também apresenta os limites desta política em uma sociedade tão desigual e estruturalmente racista. Há diversas cenas no filme em que o personagem de Maurício sofre racismo, por exemplo, quando um colega branco do curso o “confunde” com um funcionário da “universidade”, mas na maioria das vezes assim como na sociedade brasileira velados por meio de olhares constrangedores e de “sorrisos amarelos” pelo incômodo que o corpo negro causa naquele espaço elitista do curso de medicina.

Cabe ressaltar que o racismo estrutural se manifesta também nos silêncios e omissões como nos explicita Eliane S. Cavalleiro:

O silêncio da escola sobre a questão étnica tem permitido que seja ensinada a todas as crianças uma falsa superioridade branca – em beleza, cultura, inteligência e poder. Para as crianças negras, a escola tem-se mostrado omissa quanto ao dever de reconhecê-las positivamente no cotidiano escolar, o que concorre, significativamente, para o seu afastamento do quadro educacional. Esse afastamento inviabiliza a construção de uma escola democrática, que amplie as oportunidades educacionais, que reelabore uma visão crítica acerca da sociedade, que possibilite a elevação cultural e científica das camadas populares. CAVALLEIRO (2000:2016)

Esta dimensão do racismo estrutural, de diminuição e menosprezo pelos negros, é reforçada diversas vezes durante o filme. Por exemplo, quando Suzana (Giulia Gayoso) leva Maurício para o apartamento à beira-mar onde mora com a mãe Carlota (Malu Valle). Já na entrada do prédio o porteiro insiste em perguntar se a moradora “está bem” antes de abrir a porta da garagem. A construção cênica enfatiza os olhares desconfiantes do porteiro negro diante de outro homem negro sentado no banco do passageiro.

O filme conduz a todo momento a nossa memória por situações racistas, que muitas vezes fomos protagonistas ou acompanhamos no cotidiano. Entretanto, a mãe de Maurício sempre nos elucida pela busca dos direitos sociais e a luta contra o racismo.

Religiosidade e crenças para ampliar o debate

Como já comentado, no filme temos a história de Maurício (Juan Paiva), um jovem estudante de Medicina, negro, e morador em uma comunidade periférica. Em alguns momentos, fica evidente suas crenças e fé por meio da Umbanda.

Muito do que Maurício vive pode ser explicado por sua fé e crenças especialmente quando percebe a presença do M8 (cadáver no qual ele estuda da universidade). No início do longa-metragem ele usa um colar no pescoço feito de Fio de contas branco e preto, cores que se referem a duas entidades (orixás), um da Umbanda e outro do Candomblé. Antes de abordar essa questão, é importante esclarecer que na umbanda há bastante sincretismo religioso; no qual não vemos no candomblé.



Mariana Nunes e Juan Paiva no filme *M8 Quando a morte socorre a vida*. Foto: Vantoen Pereira Jr./Divulgação

Retornando ao Fio de contas branco e preto, na Umbanda ele é ligado às entidades dos Pretos Velhos, que ajudam as pessoas a encontrarem sua espiritualidade. No filme isto pode

representar a busca do caminho de Maurício. No Candomblé, o Obaluaê também é representado por estas cores. Ele é uma entidade coberta de palhas porque teve chagas pelo seu corpo. Talvez Maurício se aproxime destes seres que precisam e valorizam a cura física e espiritual.

No filme, há duas cenas que mostram os rituais dentro de um centro religioso. **Na primeira** há a manifestação de Ogum, o Orixá de Guerra. Este Orixá é representado na Espada de São Jorge que é Ogum na Umbanda. **Na segunda cena**, ouvimos uma música cantada para o caboclo, entidade também da Umbanda, música cantada para a ancestralidade, são cantos bem comuns nos ritos da umbanda.

Ao longo da história, o diretor representa as crenças e ritos da religião de forma muito respeitosa. E no enterro final não vemos nenhum ritual de uma religião específica, o que há é a representação de uma despedida, rito de passagem, feita por diversas mães. Elas precisavam se desligar do corpo físico, dizer adeus, e foi a oportunidade daquelas mães de se despedirem espiritualmente dos seus filhos.

O desfecho do filme é importante porque em vários momentos, Maurício teve *flashes* nos sonhos, se questionou em vários instantes, ajudou as pessoas e o fato do filme não terminar na cena do cemitério nos faz refletir sobre o ciclo da vida, e como a religiosidade colabora no combate ao racismo estrutural, pois nos possibilita enxergar para além das estruturas.

Para saber mais

Algumas análises críticas:

- Crítica de José Geraldo Couto do Blog de Cinema do IMS, intitulada *Racismo em Carne Viva*:
<https://ims.com.br/blog-do-cinema/m8-quando-a-morte-socorre-a-vida-por-jose-geraldo-couto/>
- Entrevista com estudante negro da periferia do Rio de Janeiro sobre o filme:
<https://www.anf.org.br/m8-quando-a-morte-socorre-a-vida-entenda-porque-voce-precisa-assistir-esse-filme-brasileiro/#:~:text=Baseado%20no%20livro%20de%20Salom%C3%A3o,realidades%20do%20povo%20preto%20brasileiro.>
- Análise do filme e questões raciais escrita pela jornalista Thiarlley Valadares
<http://www.apenasfuqindo.com/2020/12/das-cotas-raciais-ao-genocidio-negro-m8.html>

Entrevistas em vídeo:

- Linda entrevista (15 min) da jornalista Alinne Prado com Jeferson De, do Canal NaCachola. Bom para se conhecer melhor Jeferson De.
<https://www.youtube.com/watch?v=d4rHd9glu5s>
- Entrevista (6 minutos e meio) com o elenco do filme produzido pela produtora Renata Boldrini da ingressos.com:
<https://youtu.be/S8aoMrAttcs>

Artigos e Livros:

- CARVALHO, Noel dos Santos and DOMINGUES, Petrônio. DOGMA FEIJOADA A INVENÇÃO DO CINEMA NEGRO BRASILEIRO. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2018, vol.33, n.96, e339612. Epub Dec 07, 2017. ISSN 1806-9053. <http://dx.doi.org/10.17666/339612/2018>.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 206.
- CUMINO, Alexandre. História da Umbanda: Uma religião brasileira – Edição padrão, 1 janeiro 2011 – Editora Madras
- MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. 3. ed. Brasília: Mec, 2001. Acessível em:
http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf

